

Articulações entre campo e mundo social

Esboço de um diálogo conceitual para a pesquisa em jornalismo

LEOPOLDO PEDRO NETO

*Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil*

JACQUES MICK

*Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil*

ID 2847

Recebido em
20/10/2023

Aceito em
11/12/2023

Este artigo tem por objetivo dar continuidade às possibilidades de articulação entre as categorias de “campo” e de “mundo social” para a pesquisa empírica em jornalismo no Brasil. Especificamente, busca-se: a) expor qualitativamente os elementos analíticos fundamentais dessas categorias a partir do procedimento de levantamento de referências, em diálogo com autores que já tentaram articulá-las; b) discutir teoricamente as aproximações e distanciamentos entre ambas a partir dos usos empíricos na pesquisa em jornalismo no Brasil. Argumentamos que as duas categorias dialogam criticamente e podem se complementar em pesquisas empíricas.

Palavras-chave: Pesquisa em jornalismo. Campo. Mundo social.

Articulations Between Field and Social World: Outline of a Conceptual Dialogue for Journalism Research

This article aims to continue the possibilities of articulation between the categories of “field” and “social world” for empirical research in journalism in Brazil. Specifically, it seeks to: a) qualitatively expose the fundamental analytical elements of these categories from the procedure of raising references, in dialogue with authors who have tried to articulate its; b) discuss theoretically the approximations and distances between both from the empirical uses in journalism research in Brazil. We argue that the two categories dialogue critically and can complement each other in empirical research.

Keywords: Journalism research. Field. Social world.

Articulaciones entre campo y mundo social: esbozo de un diálogo conceptual para la investigación en periodismo

Este artículo tiene por objetivo dar continuidad a las posibilidades de articulación entre las categorías de “campo” y de “mundo social” para la investigación empírica en periodismo en Brasil. Específicamente, se busca: a) exponer cualitativamente los elementos analíticos fundamentales de esas categorías a partir del procedimiento de levantamiento de referencias, en diálogo con autores que ya intentaron articulá-las; b) discutir teóricamente las aproximaciones y distanciamentos entre ambas a partir de los usos empíricos en la investigación en periodismo en Brasil. Argumentamos que las dos categorías dialogan críticamente y pueden complementarse en investigaciones empíricas.

Palabras clave: Investigación en periodismo. Campo. Mundo social.

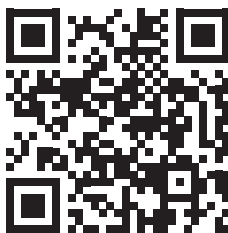
Leopoldo **PEDRO NETO**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC).

Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

E-mail: leeeoneto28@gmail.com

ORCID



Jacques **MICK**

Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política na mesma instituição.

Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

E-mail: jacques.mick@ufsc.br

ORCID



Para situar o debate

O processo de construção do conhecimento científico – até certo ponto – é acumulativo: com base em distintas tradições de pensamento nos âmbitos ontológico, epistemológico e teórico, os pesquisadores se apropriam de métodos e técnicas de investigação para lidar com problemáticas inscritas na dimensão histórico-concreta dos fenômenos sociais. No processo de formulação de um *corpus* de conhecimento que seja compartilhado entre seus pesquisadores, os estudos em jornalismo devem buscar uma relação entre a apropriação rigorosa de categorias de pensamento das áreas das ciências sociais, como a sociologia, a história e a filosofia, e a preocupação em utilizá-las para responder suas questões ontológicas e epistemológicas.

Nesse processo, uma estratégia pertinente para a investigação em jornalismo é recorrer às ferramentas teórico-conceituais de autores consagrados pelo potencial heurístico de suas categorias de análise. Inscrito em tal movimento epistemológico, este artigo tem por objetivo geral compreender as possibilidades de articulação, para a pesquisa empírica em jornalismo, entre as categorias de “campo” – desenvolvida e operacionalizada, inicialmente, pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu – e de “mundo social” – construída e apropriada, entre outros autores, pelo sociólogo estadunidense Howard Becker. Como objetivos específicos, busca-se expor qualitativamente os elementos analíticos fundamentais de ambas as categorias a partir do procedimento de levantamento de referências e verificar a possibilidade de articulação das concepções para a área do jornalismo com suas aproximações e distanciamentos. Parte-se do pressuposto de que existe a possibilidade de um diálogo – metodológico e analítico – tenso entre esses dois conceitos (DICKINSON, 2008).

O artigo é sistematizado a partir de um movimento peculiar: articula-se como uma apropriação conceitual da sociologia que tem por objetivo retornar à pesquisa em jornalismo. A intenção, entretanto, não se constitui na armadilha da ilusão retórica de genealogia dos conceitos (BOURDIEU, 2006; BOURDIEU, 2021) ou na falácia escolástica de discutir categorias como um fim *per se*, sem que haja uma finalidade de pesquisa empírica prática. Trata-se, de tal forma, de ter controle e certo domínio das ferramentas pelas quais o pesquisador operacionaliza investigações de cunho mais abrangente, tendo em consideração que o “uso científico de um conceito supõe controle prático e, se possível, teórico dos usos anteriores e do espaço conceitual em que o conceito, tomado de empréstimo, havia sido utilizado” (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p. 57).¹

No que tange especificamente aos dois autores analisados neste artigo – Bourdieu e Becker –, pesquisadores da comunicação e do jornalismo têm se apropriado dos fundamentais da Teoria da Prática (CHALABY, 1998; BENSON; NEVEU, 2005; PETRARCA, 2007; LAGO, 2015; ROSSO, 2017; MICK, 2017; SCHMITZ, 2018; PEDRO NETO, 2020), assim como da sociologia interacionista beckeriana (TRAVANCAS, 1992; PEREIRA, 2011; 2018; 2020; 2020; SILVA, 2017; LIMA, 2019; 2021). Tendo em consideração que esses dois pensadores são utilizados separadamente nos estudos em jornalismo para discutir problemáticas paralelas – como práticas, identidades, normas e trajetórias profissionais –, a justificativa para uma aproximação entre eles se fundamenta em uma tentativa de articular essas ferramentas e analisar se possuem um potencial analítico mais amplo quando integradas.

Partindo do pressuposto de que a pesquisa em jornalismo pode se utilizar de distintas vertentes conceituais em sua edificação, este artigo fundamenta seu posicionamento teórico em três concepções:

1) a dimensão histórico-concreta do jornalismo – a sua prática – não será apreendida em seu imediatismo, sendo necessário um processo de ruptura epistemológica com o senso comum do campo (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2015; SILVA, 2009; 2011);

01 Alerta pertinente em um momento em que instrumentos do senso comum são incorporados acriticamente nas pesquisas em jornalismo – como apontado, sob uma visão marxista, por Pontes, Silva e Souza (2021).

2) as incontáveis manifestações empíricas do jornalismo não devem ser tomadas particularmente enquanto seu objeto – sendo este construído teoricamente e mais amplo do que as suas expressões materiais (SILVA, 2009);

3) embora as teorias do jornalismo devam buscar a construção no âmbito teórico-conceitual de uma epistemologia autônoma, essa área integra um subcampo no campo da ciência da comunicação.³

A interdisciplinaridade das teorias do jornalismo (ZELIZER, 2009), desde que apropriada criticamente, auxilia nas investigações em relação aos complexos e multifacetados problemas de pesquisa da área. É a partir desse *locus* que visa à interdisciplinaridade crítica na construção do objeto das pesquisas em jornalismo que este trabalho sedimenta seu potencial analítico. A estrutura do artigo será dividida em outros três tópicos: a exposição sobre os principais elementos da categoria bourdieusiana de campo; a exibição dos subsídios que fundamentam a concepção de mundo social; e as possibilidades de interlocução entre ambas. O texto evidentemente não esgota as possibilidades de cruzamentos entre as distintas concepções.

A Teoria da Prática em Pierre Bourdieu

Junto às concepções de *habitus* e de capitais (econômico, cultural, social e simbólico), o campo compõe o escopo mais amplo das ferramentas bourdieusianas agregadas sob a denominação de Teoria da Prática, projeto intelectual que perseguiu o objetivo de “fazer da sociologia uma ciência total, capaz de restituir à unidade fundamental da prática humana” (BONNEWITZ, 2003, p. 18). A Teoria da Prática compõe um sistema de pensamento que justifica sua pertinência analítica ao redor de dois temas: a) os mecanismos de dominação; e b) a lógica das práticas de agentes sociais num espaço inegalitário e conflituoso (BONNEWITZ, 2003) – o que a configura e justifica sua apropriação, para além da sociologia, como um tipo de configuração possível dentro do sistema capitalista (LOPES, 2014).³ A abordagem metodológica bourdieusiana, o *conhecimento praxiológico*, empenha-se em superar a dicotomia de duas perspectivas de investigação: o *objetivismo* e o *subjetivismo*. Bourdieu (2013) afirma que o mundo social pode ser objeto de três modos de conhecimento teórico:

a) *fenomenológico ou subjetivista* (VALLE, 2007), no qual as apreensões sobre o mundo social por si, a “verdade da experiência primeira do mundo” (BOURDIEU, 2013, p. 39) servem enquanto conhecimento legítimo. Como exemplos de correntes teóricas elenca-se a etnometodologia, o interacionismo e a fenomenologia (LIMA, 2011);

b) *objetivista*, que busca romper com a apreensão primária do mundo social e constrói relações objetivas, econômicas ou linguísticas inacessíveis à experiência imediata apreendida do mundo social. Como exemplos, elenca-se o estruturalismo de autores como Lévi-Strauss (de base antropológica) e Louis Althusser (de base marxista) e o funcionalismo-estrutural (VALLE, 2007; BOURDIEU, 2013);

02 Ao se referir à “autonomia” de pesquisas em jornalismo, entende-se essa categoria em seu sentido científico: como um subcampo da pesquisa em jornalismo dotado de seu próprio (*auto*) princípio de visão e divisão (*nomos*).

03 Compreende-se como paradigma um “conjunto de pressupostos básicos acerca da natureza da sociedade, do indivíduo humano e dos relacionamentos entre ambos” responsável por orientar pesquisas sobre fenômenos sociais e comunicacionais (DEFLEUR; BALL-ROCKEACH, 1993, p. 45).

c) *praxiológico*, abordagem proposta por Bourdieu, pretende ultrapassar as possibilidades do *objetivismo* sem cair no *subjetivismo*. “O *conhecimento praxiológico* não anula as aquisições do *objetivista*, mas conserva-as e as ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve de excluir para obtê-las” (BOURDIEU, 2013, p. 30). Em tal abordagem teórico-metodológica, Bourdieu pretende entender a autonomia relativa dos agentes no plano das relações sociais. Como afirma Michael Grenfell (2018, p. 69), Bourdieu “precisava de uma abordagem teórica para explicar essa atividade híbrida da prática pessoal estratégica moldada socialmente, mas constituída individualmente”.

A categoria de campo é operacionalizada por Bourdieu, nessa abordagem, para compreender a diferenciação social das atividades nas sociedades modernas (LAHIRE, 2017). Os campos sociais não são uma realidade dada, mas uma ferramenta de construção de pesquisa (BOURDIEU, 2009). Conforme pontua Cláudia Lago (2003), o campo enquanto ferramenta de construção de conhecimento possui duas utilidades: a) tornar os diferentes universos sociais cientificamente objetáveis a partir da mediação entre determinantes externos e internos; b) servir como ferramenta metodológica de orientação da pesquisa.

No desenvolvimento de sua teoria, o sociólogo francês sustentou que campos possuem homologias estruturais, como também particularidades e distribuição de capitais específicos. Em relação às homologias, Bourdieu (1997a; 2019; 2021) afirma que todo campo é um campo de forças e de lutas no qual dominantes e dominados disputam pela manutenção ou subversão das práticas e representações consideradas legítimas. Os agentes dominantes são aqueles que possuem maior quantidade do capital específico utilizado como moeda no campo.⁴ As propriedades dos campos constituem-se pelos *habitus* específicos de seus agentes; pela *doxa*, a relação consensual, um conjunto de crenças compartilhadas;⁵ e pelo *nomos*, conjunto de leis fundamentais e princípios de visão e de divisão que regem os campos. “Para que um campo funcione é preciso que haja desafios e pessoas prontas para jogar o jogo, dotadas do *habitus* que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, questões etc.” (BOURDIEU, 2019, p. 110).

O *habitus* específico de cada campo social estrutura e é estruturado por esses espaços de relações objetivas e subjetivas. O *habitus* se define a partir do que Wacquant (2007, p. 66) chama de “noção mediadora”, que serve como chave explicativa para “romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar a ‘interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade’”. A sociedade se insere nas pessoas sob a forma de “disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir”, mas que ao mesmo tempo “as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente” (WACQUANT, 2007, p. 66).

Entender campo e *habitus* relacionalmente é de crucial importância para a compreensão da teoria bourdieusiana. O campo, enquanto construção de pesquisa, é responsável por estruturar o *habitus* enquan-

04 Bourdieu (1997b), ao assumir a proposição de Marx (2008) sobre a relação dialética entre o caráter social do trabalho e a apropriação individual da produção, afirma que os modos de dominação se desdobram e adquirem formas relativamente autônomas em estruturas objetivadas que são os campos, sendo que a relação social que é o capital se converte em outras formas de valorização e de acumulação, como os capitais cultural e social. O autor, contudo, não nega que o capital “econômico” desempenhe “um papel muito importante à medida que será a condição de todas as outras espécies de capital possível e, ao mesmo tempo, aquilo no que qualquer outra aquisição poderá ser reconvertida; ele será a medida pela qual qualquer outra forma de acumulação poderá ser avaliada” (BOURDIEU, 2023, p. 215). Para a relação de Bourdieu com a herança marxista, ver Burawoy (2010).

05 A categoria de *doxa* – via da opinião – remete à filosofia aristotélica enquanto uma forma de conhecimento em oposição à episteme – conhecimento racional e sistematizado. Apropriada por diversos autores como Edmund Husserl e Alfred Schütz, Pierre Bourdieu a retoma para a discussão sobre uma forma de conhecimento tida como normal, natural e ancestral. Cada campo possui a sua *doxa*, e os grupos dominantes buscam estratégias de conservação da *doxa* (ortodoxia). No desenvolvimento de seu pensamento, o autor francês propõe uma “episteme da *doxa*” – ou seja, a possibilidade das ferramentas construídas pela sociologia de compreender e tornar objeto científico a vida em sociedade. A pesquisa em jornalismo, por seu turno, pode se apropriar da ideia de rompimento da *doxa* do campo – o conjunto de representações ordinárias compartilhado entre os agentes do campo – para a compreensão dos mecanismos de estruturas desse campo. Conferir: Bourdieu (1977; 2021).

to noção operatória. Em contrapartida, a dimensão criativa do *habitus* ajuda a modelar o campo em uma relação de constante tensionamento. Grenfell (2018, p. 89) ressalta a importância dessa vinculação, posto que “a prática não é redutível ao *habitus* – ela é um fenômeno emergente das relações entre os *habitus* dos atores e seus campos sociais contextuais”.

Como já observamos, a noção de campo foi desenvolvida para servir de maneira operatória ao estudo de diferentes universos sociais: enquanto ferramenta de direcionamento da pesquisa como alternativa mediadora às interpretações internalistas – análise dos diferentes microcosmos a partir de seus aspectos intrínsecos – e externalistas – explicação desses espaços de relações fundamentadas em condicionamentos externos (BOURDIEU, 2009). Dentro de um campo, os agentes podem exercer maior ou menor influência a partir da distribuição dos capitais específicos que mobilizam; e também, de forma extrínseca, a partir de sua relação com o campo do poder. Embora todos os agentes de um campo estejam em luta pela ortodoxia (estratégias de conservação) ou pela heterodoxia (estratégias de subversão), todos os seus componentes possuem o interesse em comum de que o campo exista, o que resulta em uma cumplicidade objetiva para além das lutas que o compõem (BOURDIEU, 2019).

No que tange especificamente ao campo do jornalismo, além das muitas análises sobre o jornalismo francês (BOURDIEU, 1997a; 2005b; NEVEU, 2001; ACCARDO, 2007; 2017; CHAMPAGNE, 2008; MARCHETTI, 2020), autores buscaram operacionalizar o instrumental heurístico bourdieusiano em campos jornalísticos de diferentes nacionalidades ou em subcampos específicos (CHALABY, 1998; BENSON, NEVEU, 2005; BENSON, 2006; ATTON; HAMILTON, 2008; SIAPERA; SPYRIDOU, 2012; WILLIG, 2013; ENGLISH, 2016; TANDOC JR., 2019; LINDBLOM; LINDELL; GIDLUND, 2022; HOVDEN, 2023). Como apontado por Mick (2017), ressalta-se a importância de investigações das particularidades nacionais dos distintos campos jornalísticos e como o *habitus* é moldado em cada contexto. O caráter relacional e empírico da concepção, que visa objetivar universos sociais a partir do rompimento com categorias do senso comum, auxilia na reflexão sobre modelos de jornalismo particulares e distintos de epistemologias fundamentadas em uma visão liberal e angloamericana do jornalismo.

A partir da mediação entre determinações externas e condicionamentos internos, o campo pode auxiliar na compreensão da relação entre práticas, representações, forças e lutas produzidas pelas instituições do jornalismo convencional, como também pelos novos arranjos alternativos e auxiliar no entendimento da heteronomia do campo em relação aos campos econômico e político. Além disso, também se enfatiza a possibilidade de entendimento das disposições dos profissionais jornalistas e as suas trajetórias, no intento de investigar como a posse de distintos capitais pode condicionar ascensão, desistência ou permanência no campo.⁶ No Brasil, estudos recentes analisaram sob essa perspectiva os mecanismos de ingresso e titulação profissional dos jornalistas, a constituição do *ethos* dos jornalistas que realizaram oposição ao projeto da ditadura militar brasileira, o grau de autonomia do jornalista brasileiro, as estratégias de legitimação usada por assessores de imprensa (PETRARCA, 2007; ROSSO, 2017; SCHMITZ, 2018; PEDRO NETO, 2020), entre outros temas – o que mostra a atualidade, a potencialidade analítica e as possibilidades de pesquisa da teoria dos campos para os estudos em jornalismo.

A sociologia das formas de representação em Howard Becker

O sociólogo estadunidense Howard Saul Becker é um dos componentes mais notáveis da corrente de pesquisa denominada Escola de Chicago, principal referência de um paradigma mais amplo da teoria social, o interacionismo simbólico, incorporado por teorias da comunicação e do jornalismo (DEFLEUR; BALL-

⁰⁶ Pesquisas anteriores indicam, por exemplo, a estrutura dual da profissão, em que uma pequena parte dos jornalistas consagrados acumulam uma grande parte de capitais (econômico, cultural, social e simbólico), enquanto um grande contingente de profissionais lida com processos de precarização e flexibilização do trabalho e de desistência da profissão em até dez anos (MICK; ESTAYNO, 2020).

-ROCKEACH, 1993; JOAS, 1999; PEREIRA, 2018). O interacionismo simbólico trata do papel crítico da linguagem no desenvolvimento e na manutenção social, como também na modelagem das atividades mentais dos indivíduos. O paradigma se ancora no pressuposto de que a sociedade pode ser encarada como um sistema de significados compartilhados interpessoalmente e vinculados aos símbolos da linguagem que orientam as interpretações da realidade socialmente convencionalizadas e individualmente interiorizadas.

Autor de obras sociológicas como *Art Worlds* (2008), *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* (2009b) e *Falando da sociedade* (2009a), Howard Becker foi um dos principais componentes do interacionismo simbólico junto a nomes como Robert Park, Herbert Blumer, George Mead e Everett Hughes. Nas próprias palavras de Becker (1996, p. 186), as interações repetitivas entre as pessoas, “modos estes que permanecem o mesmo dia após dia, semana após semana”, elencam-se como um de seus focos de pesquisa. A ideia de “organização social”, que consiste em “pessoas que fazem as mesmas coisas juntas, de maneira muito semelhante, durante muito tempo” (BECKER, 1996, p. 186) foi fundamental como fulcro analítico de investigações sobre o compartilhamento de significados, normas e convenções entre pessoas em distintos espaços.

Becker integra o escopo de autores que desenvolveram a categoria de “mundo social” para explicar certos espaços e práticas socialmente compartilhados, juntamente a pesquisadores como Samuel Gilmore (1990) e Anselm Strauss (1992). As diferentes formas de representação da sociedade se enquadram como um problema de investigação comum a esses autores. Para Becker, as representações sociais se articulam de distintas maneiras, desde o senso comum até as representações científicas:

Para simplificar, uma representação da sociedade é algo que alguém nos conta sobre algum aspecto da vida social. Essa definição abarca um grande território. Num extremo, situam-se as representações comuns que fazemos uns para os outros como leigos, no curso da vida diária [...]. Em muitas situações e para muitos objetivos, essa é uma atividade altamente profissionalizada, baseada em séculos de experiência prática combinada, raciocínio matemático e erudição científica (BECKER, 2009a, p. 18).

Becker categorizou os “mundos sociais” para definir uma rede de pessoas inteiradas e envolvidas na realização de uma atividade cooperativa. Em tal contexto, todos os sujeitos imbricados no processo compartilham certas práticas construídas comumente em um processo tácito de concordância – na terminologia interacionista, denominado “convenções” – para a realização de um ato social maior (GILMORE, 1990; BECKER, 2008). Para Becker (2009a, p. 20, grifo nosso):

Falar sobre a sociedade em geral envolve uma comunidade interpretativa, uma organização de pessoas que faz rotineiramente representações padronizadas de um tipo particular (“produtores”) para outros (“usuários”) que utilizam rotineiramente para objetivos padronizados. *Os produtores e os usuários adaptaram o que fazem ao que outros fazem, de modo que a organização de fazer e usar é, pelo menos por algum tempo, uma unidade estável, um mundo [...].*

Ao discorrer sobre o termo apropriado ao mundo da arte, a concepção de “mundos sociais” é utilizada para descrever uma atividade cooperativa, organizada por colaboração conjunta de convenções para realizar certas práticas. Em tal sentido, mundos sociais têm características compartilhadas: eles fundamentam-se em uma forma social difusa ou amorfa, sem fronteiras bem definidas do espaço social ou uma população específica de participantes. Para analisar um mundo social, procura-se pelos tipos de características dos trabalhadores e pelo conjunto de tarefas que cada um realiza (GILMORE, 1990; BECKER, 2008).

Do ponto de vista metodológico, os pensadores interacionistas justificam a pertinência analítica da categoria como uma chave de interpretação das formas de organização social. Conforme Gilmore (1990, p. 152, tradução nossa),⁷

O conceito interacionista de “mundos sociais” oferece uma abordagem alternativa para a organização social que funciona com as formas emergentes de organização social como também padrões relativamente estáveis de mudança e interação. Os focos de pesquisa do mundo social incluem questões de eficiência da organização, além do significado de estrutura e processos sociais.

No que tange especificamente ao jornalismo, um dossiê internacional publicado no *Sur le journalisme* examina as particularidades dos mundos sociais nessa área (LANGONNÉ et al., 2019), com artigos que debatem temáticas diversas, como os ritos de passagem nas carreiras de jovens jornalistas, a colaboração profissional como resposta para desinformação on-line e as relações de politização e polarização na Argentina kirschnerista (ROSENBERG, 2019; SMYRNAIOS; CHAUVET; MARTY, 2019; STEFONI, 2019). No Brasil, Fábio Pereira é o investigador que mais disseminou a utilização dos “mundos sociais” para a compreensão dos processos e das interações que permeiam a prática jornalística. No livro *Jornalistas-intelectuais no Brasil* (2011), originário de sua tese de doutoramento, o autor constata uma carência em estudos que operacionalizem tal concepção na pesquisa em comunicação no Brasil – com exceção de *O mundo dos jornalistas* (1992), de Isabel Travancas. Pereira utilizou a categoria em diferentes recortes empíricos, como os jornalistas-intelectuais, a noticiabilidade enquanto convenção e as carreiras profissionais (PEREIRA, 2011; 2018; 2020). Outros trabalhos nessa linha, orientados por ele, objetivaram compreender os mundos sociais do telejornalismo e do jornalismo de dados (SILVA, 2017; LIMA, 2019; 2021) –, o que mostra a atualidade, a potencialidade analítica e as possibilidades de pesquisa da teoria dos mundos sociais para as teorias do jornalismo.

Em um contexto de desmantelamento das redações, realização de jornalismo por não jornalistas, produção em novos arranjos jornalísticos e multifuncionalidade, os mundos sociais servem de potencial heurístico para esmiuçar mais amplamente a divisão do trabalho e a organização social das instituições e dos sujeitos jornalísticos – como também os outros sujeitos não jornalistas envolvidos nos processos de produção, circulação e recepção de notícias (PEREIRA, 2021). O conceito, portanto, permite compreender os estatutos e as normas jornalísticas tacitamente partilhados entre os profissionais desses mundos.

Mundo social e campo: Becker encontra Bourdieu

Mundo social e campo social operam separadamente, enquanto ferramentas de pesquisa e as relações entre os conceitos foram trabalhadas anteriormente de duas maneiras: na sociologia, Becker discutiu a teoria dos campos, Bourdieu posicionou-se sobre o interacionismo simbólico e outros pesquisadores refletiram sobre os pontos de intersecção entre os conceitos (BECKER; PESSIN, 2006; BOTTERO, CROSSLEY, 2011; BOURDIEU, 2021); nos estudos de jornalismo, houve tentativas de aproximação entre os sociólogos estadunidense e francês para refletir sobre temáticas intrínsecas à área (DICKINSON, 2008; DEUZE; VAN’T HOF, 2023). Vários autores já apontaram as dificuldades para que essas categorias possam atuar juntas: mesmo Becker e Bourdieu foram peremptórios quanto às diferenças entre as perspectivas (cf. DICKINSON, 2008). Nossa intenção aqui é aprofundar o debate acumulado e discuti-lo a partir da perspectiva da pesquisa nacional em jornalismo. Nesta seção, continuaremos as tentativas de enxergar conexões entre campo e mundo – um diálogo que sabemos ser tenso.

⁰⁷ No original: “The interactionist concept of social worlds offers an alternative approach to social organization that works with emergent forms of organization as well as relatively stable patterns of exchange and interaction. Social world research foci include issues of organizational efficiency in addition to the meaning of structure and social processes”.

Os dois autores buscam desenvolver suas categorias de análise a partir de dados apreendidos no plano histórico-concreto. Ambos compreendem a realidade em um aspecto não substancialista – ou seja, para se conseguir compreender metodologicamente como certos espaços simbólicos e geográficos se constituem, necessita-se entender o plano das relações entre pessoas, instituições e práticas. O ponto de discordância é o modo como essas relações são analisadas (metodologicamente, inclusive) pelas abordagens dos dois pensadores. O ponto de convergência é a potencialidade heurística do uso combinado das duas categorias.

O primeiro ponto de tensão entre uma possível relação entre conceitos é a crítica metodológica de Bourdieu às correntes da abordagem subjetivista, como a fenomenologia, a etnometodologia e o interacionismo (LIMA, 2011). Para o autor, levar em conta somente o plano da interação na análise sociológica pode ser uma armadilha e/ou uma ilusão (BOURDIEU, 2006), pois os agentes podem reproduzir inconscientemente a representação dominante do campo: “[...] o interacionismo reduz os fenômenos sociológicos e as relações sociais à interação visível e imediatamente observável entre os indivíduos, entre os agentes sociais” (BOURDIEU, 2021, p. 30-31).

O campo é utilizado para construir o espaço objetivo de relações entre agentes e instituições. Bourdieu é deveras crítico com o tipo de abordagem – como o interacionismo beckeriano – que não realiza a ruptura *objetivista* com a *doxa*. A influência de Émile Durkheim (2007, p. 15), calcada na máxima metodológica “os fatos sociais devem ser tratados como coisas”, foi importante na praxiologia bourdieusiana para refletir a cientificidade da sociologia. Contra a “ilusão imediatista” e a produção de senso comum travestido de ciência, Bourdieu (2015) enfatiza a construção dos espaços de análise científica a partir da suspensão das pré-noções dos indivíduos sobre seus comportamentos.

A realidade social de que falava Durkheim é um conjunto de relações invisíveis, aquelas mesmas relações que constituem um espaço de posições exteriores umas às outras, definidas em relação às outras, não só pela proximidade, pela vizinhança ou pela distância, mas também pela posição relativa – acima ou abaixo, ou ainda entre, no meio (BOURDIEU, 2015, p. 152, grifo nosso).

A categoria de campo se inscreve na praxiologia bourdieusiana na tentativa de superar a dicotomia entre *objetivismo* e *subjetivismo* nas ciências sociais, no intuito de apreender as homologias estruturais da sociedade que não são visíveis no plano das interações.

O que proporei com a noção de campo é uma coisa que seria, por analogia, como uma física de tipo newtoniano ou einsteiniano que analisa espaços que não são visíveis, que precisam ser construídos para dar contas das práticas e em cujo interior se exercem forças que só captamos através das modificações que elas causam nos indivíduos, em sua conduta etc. (BOURDIEU, 2021, p. 32, grifo nosso).

No que tange à visão beckeriana sobre a produção bourdieusiana, a tensão se intensifica. O sociólogo estadunidense aponta explicitamente uma incompatibilidade entre mundos sociais e a teoria dos campos. Questionado por Alain Pessin sobre o que a ideia de campo evoca e quais as relações entre campo e mundo social, Becker argumenta que pôde entender como Bourdieu operacionaliza o campo após ter contato com a obra *Esboço para uma auto-análise* (2005a) – livro no qual o autor francês torna sua própria trajetória um objeto de estudo. Para Becker:

Quando tento imaginar tal campo, vejo um diagrama: um quadrado encerrando um espaço em que setas conectam unidades, criando estruturas invisíveis. Ou, pior. Ainda assim, imagino uma grande caixa de plástico com todos os tipos de raios a disparar dentro dela algo que se vê num filme de ficção científica (BECKER; PESSIN, 2006, p. 3, tradução nossa).⁸

08 No original: “When I try to imagine such a field, I see a diagram: a square enclosing a space in which arrows connect units, creating invisible structures. Or, worse yet, I imagine a big plastic box with all kinds of rays shooting around inside it, like something you would see in a science fiction movie”.

Becker, com essa caricatura, falha ao apreender o projeto bourdieusiano em seu objetivo de desvelamento das estruturas sociais. Por partir de um método de análise que privilegia o compartilhamento de convenções e interações mediadas pela linguagem, o autor desenvolve nos seguintes termos o que vê como vantagem do interacionismo diante da abordagem bourdieusiana:

A ideia do mundo, como eu concebo, é muito diferente. Naturalmente, é ainda uma metáfora. Mas a metáfora do mundo [...] contém pessoas, todos os tipos de pessoas, que estão no meio de fazer algo que exige que eles prestem atenção uns aos outros, para levar em conta conscientemente a existência dos outros e moldar o que eles fazem à luz do que os outros fazem. Em tal mundo, as pessoas não respondem automaticamente a forças externas misteriosas ao seu redor. Em vez disso, eles desenvolvem suas linhas de atividade gradualmente, vendo como os outros respondem ao que eles fazem e ajustando o que eles fazem a seguir de uma forma que se confunde com o que os outros fizeram e provavelmente farão a seguir. (BECKER; PESSIN, 2006, p. 4, tradução nossa, grifo nosso).⁹

Nem toda prática social estrutura-se em relações de poder, como apontou Becker; em certos momentos, pessoas só estão fazendo coisas juntas. O ponto é interessante e provocativo para uma análise das lógicas das práticas, mas, de um ponto de vista bourdieusiano, seria ingênuo não pensar que, mesmo em interações aparentemente singelas, existem disputas materiais e simbólicas por conhecimento e reconhecimento (capital simbólico), como também grupos que buscam manter seus privilégios a partir da integridade da *doxa*. Ao estudar a economia das práticas, Bourdieu buscou compreender o que diferentes grupos consideram que possua valor. Diversos elementos dotados de reconhecimento e valoração podem ser distribuídos desigualmente; a preocupação bourdieusiana sempre foi demonstrar empiricamente a desigualdade.

Não se trata de que tudo seja poder para Bourdieu; trata-se de que, a partir de uma interpretação rigorosa de dados, constata-se que há dominação. Por exemplo, após uma análise multimetodológica exaustiva, o autor apontou como as classes dominantes francesas utilizam de estratégias de distinção para legitimar suas práticas culturais enquanto dominantes (BOURDIEU, 2007). A luta por imposição de princípios de visão e de divisão legítimos não necessariamente é consciente, o autor inclusive é um crítico das teorias de ação racional (BOURDIEU, 2015). A reflexão, assim, trata das estratégias inconscientes realizadas a partir de disposições inculcadas, incorporadas e encarnadas.

Becker, apesar da limitação de sua crítica a Bourdieu, aponta uma possibilidade analítica na qual os mundos podem auxiliar os campos: as práticas daqueles agentes que não necessariamente são dotados do capital específico, mas, de alguma forma, atuam no campo. Discípulo crítico de Bourdieu, Bernard Lahire (2002, p. 50) reconhece que a teoria dos campos “empenha muita energia para iluminar os grandes palcos em que ocorrem os desafios do poder”, contudo “pouca para compreender os que montam esses palcos, instalam os cenários ou fabricam seus elementos, varrem o chão e os bastidores, xerocam documentos ou digitam cartas etc.”. O reconhecimento de um lugar para os agentes constituintes do campo, que participam dele na posição de dominados, sem dispor de capital específico, pode ser um nó teórico-metodológico que os mundos sociais podem desfazer.

Contudo, a crítica de Lahire também se mostra limitada. O autor evidencia o fato de que os campos se restringem à esfera das atividades profissionais que precisam de reconhecimento social para serem legitimadas – o que, para ele, limita o escopo da análise de campo para os agentes com atividades profissionais e exclui os “atores-fora-de-campo”. Os argumentos de Lahire, embora bem embasados em sua crítica,

⁹ No original: “The idea of world, as I think of it, is very different. Of course, it is still a metaphor. But the metaphor of world [...] contains people, all sorts of people, who are in the middle of doing something which requires them to pay attention to each other, to take account consciously of the existence of others and to shape what they do in the light of what others do. In such a world, people do not respond automatically to mysterious external forces surrounding them. Instead, they develop their lines of activity gradually, seeing how others respond to what they do and adjusting what they do next in a way that meshes with what others have done and will probably do next”.

podem ser rebatidos pelo Bourdieu de *Meditações pascalianas* (2001b). O autor considera a constituição do “*habitus* primário no seio da família” e a então “aquisição de disposições específicas exigidas por um campo”, efetuada entre as disposições primárias e as constrições da estrutura do campo, “os afetos socializados constituídos no campo doméstico, nesta ou naquela forma de libido, graças, sobretudo à transferência dessa libido em favor de agentes ou instituições pertencentes ao campo” (BOURDIEU, 2001b, p. 199). Bourdieu considera que há um campo doméstico e que a libido social – partindo de Freud – produzida no seio familiar é transferida a partir dos processos de constituição dos *habitus* secundários na esfera da divisão do trabalho.

Isso não significa que a abordagem de mundos sociais e as críticas de Becker sejam totalmente equivocadas. Convergências podem ser úteis para a análise. Embora as tensões sejam respaldadas pelos dois pensadores, com certa heterodoxia teórica – dotada de vigilância epistemológica, sempre – é possível propor um diálogo entre as duas concepções. O campo e os mundos sociais podem funcionar melhor se cada categoria tensionar as grades de interpretação da outra, o que possibilitaria um olhar mais amplo para as pesquisas sobre fenômenos sociais, comunicacionais e jornalísticos. O mundo social pode acoplar a análise da etapa de subjetivação da metodologia bourdieusiana; a teoria dos campos pode ampliar sua sensibilidade para a autonomia dos agentes em suas interações.

Em pesquisas de cunho *praxiológico*, metodologicamente elencam-se as etapas de objetivação e subjetivação. A primeira, com o rompimento com as pré-noções dos agentes, constrói um espaço baseado na constituição histórica das relações entre instituições, agentes e práticas. A segunda busca compreender as interações e representações desses agentes. Bourdieu (2015, p. 152) afirma:

Embora com o risco de parecer muito obscuro, poderia resumir em uma frase toda a análise que estou propondo hoje: de um lado, as estruturas objetivas que o sociólogo constrói no momento *objetivista*, descartando as representações subjetivistas dos agentes, são o fundamento das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações mas, de outro lado, essas representações também devem ser retidas, sobretudo se quisermos explicar as lutas cotidianas, individuais ou coletivas, que visam transformar ou conservar essas estruturas.

Em uma ótica que visa discutir as relações entre “mundos sociais” e “campos de produção cultural”, Wendy Bottero e Nick Crossley (2011, p. 2, tradução nossa)¹⁰ reiteram os pontos positivos e negativos da utilização de tais categorias: “Um maior foco em redes dentro da análise do mundo, argumentamos, permitiria que ela incorporasse os pontos fortes da análise de campo enquanto permanecesse mais sensível à importância dos laços concretos e da interação”.

A metodologia praxiológica de Bourdieu busca construir as relações objetivas entre agentes – apreendidas pela quantidade de capitais – no espaço social. Um nível de abstração que rompe com o plano das interações visíveis. Becker prioriza os laços concretos e as redes que os formam (BECKER, 2008; BECKER; PESSIN, 2006; BOTTERO; CROSSLEY, 2011; BOURDIEU, 2007; 2015; 2021). A etapa de objetivação é fundamental para a compreensão das estruturas subjacentes do campo jornalístico, no intuito de analisar relacionalmente as regularidades e as organizações entre instituições e agentes. Pensar na construção de estruturas – ou seja, no espaço de relações objetivas – necessita de um arranjo multimetodológico que possibilite o processo de ruptura epistemológica com a *doxa*.

A etapa de subjetivação visa entender como as redes de relações, interações e representações são tecidas. Os mundos sociais podem auxiliar na compreensão das interações entre agentes que realizam práticas compartilhadas. A partir das atividades coletivas e da constituição de convenções, que sentidos esses agentes dão a suas práticas? As interações existentes estão no plano do poder ou da dominação ou

¹⁰ No original: “A greater focus on networks within ‘world analysis’, we contend, would allow it to incorporate the strengths of ‘field analysis’ whilst remaining more sensitive to the importance of concrete ties and interaction”.

há outras motivações? O mundo social tensiona e complementa o campo. “Com certeza se pode operar em um alto nível de abstração, onde interações e relações de troca deixam de ser visíveis, mas isso não significa que elas deixam de ser relevantes ou efetivas” (BOTTERO; CROSSLEY, 2011, p. 22, tradução nossa).¹¹

Ao partir do pressuposto de que a antinomia entre indivíduo e sociedade é falsa, pensar em uma dialética praxiológica (que considere objetivar a subjetividade e subjetivar a objetividade) mostra-se útil, pois ajuda a tensionar as duas etapas a partir dos respectivos resultados que a construção da pesquisa pode obter. Há exemplos de pesquisas que, no Brasil, procuram superar os limites dos usos tradicionais de campo ou mundo social nessa direção.

Na perspectiva dos “mundos sociais” no jornalismo, o estudo de Pereira (2020) discute as transformações das carreiras dos jornalistas brasileiros entre o final dos anos 1970 e o início da década de 2010. O autor afirma que para estudar o “mundo dos jornalistas” deve-se ir além dos “grupos profissionais” e “sistemas normativos”, como na sociologia funcionalista, e da “dominação”, como nos “campos” em sua acepção bourdieusiana – crítica cujo mérito já discutimos. Segundo o autor,

[...] a análise do *mundo dos jornalistas* deve considerar a diversidade de tarefas, atores e segmentos que constituem a atividade jornalística, os diferentes pertencimentos institucionais desses colaboradores (no jornalismo, mas também na universidade, nas instituições políticas, nos espaços de produção de inovação em marketing, tecnologia, gestão etc.) (PEREIRA, 2020, p. 20).

Metodologicamente, ele trabalhou com entrevistas qualitativas de 32 jornalistas e operacionaliza as grades de interpretação do conceito ao abordar uma narrativa sobre as suas trajetórias. Pereira conclui que há uma pluralidade nos segmentos no interior do *mundo dos jornalistas* que mostra as diferentes formas de ser e de se realizar no jornalismo; relações entre mudanças na ideologia profissional; transformações na carreira e evoluções da representação da profissão; e os papéis de outros mundos sociais na constituição de carreiras. Analiticamente, o trabalho contribui para compreender como uma série de modificações sociais no jornalismo são subjetivadas a partir de suas narrativas, ou seja, trata-se de representações.

Sob a chave bourdieusiana, Mick e Kamradt (2017) estudaram os impactos da concentração da propriedade da mídia no trabalho de jornalistas de um diário do interior de Santa Catarina: *A Notícia*, da cidade de Joinville). A pesquisa multimetodológica combinou entrevistas em profundidade, análise documental e análise quali-quantitativa de conteúdos de cobertura jornalística para entender como os profissionais reagiram a transformações na cultura organizacional da empresa determinadas pelo grupo de mídia que em 2006 a adquirira, quando até então era de propriedade majoritariamente familiar. A investigação observa o modo como individualmente os agentes produziram representações contraditórias sobre a mudança, ajustando gradualmente seu *habitus* profissional aos movimentos que o grupo de mídia determinava, com vistas a fixar sua cultura corporativa na empresa.

Considerações adicionais

Voltamos aqui ao diálogo entre duas categorias sociológicas para a reflexão sobre a pesquisa em jornalismo. Este trabalho contribui com a articulação teórica interdisciplinar que possibilita refletir sobre as relações entre agentes, práticas e instituições do campo e do mundo social. Embora se trate de categorias que analisam fenômenos sociais sob óticas distintas, ambas podem fornecer tensões pertinentes à pesquisa. O mesmo Bourdieu do rigor e do fôlego de *A distinção* (2007) é aquele que proclamou que devemos nos livrar dos cães de guarda metodológicos e usar categorias e conceitos para responder às finalidades

¹¹ No original: “Of course one can operate at a high level of abstraction, where interactions and relations of exchange cease to be visible, but that does not mean that they cease to be relevant or effective”.

práticas de problemas de pesquisa.

A discussão teórico-conceitual apresentada na seção anterior articula-se enquanto um esboço analítico para diversas manifestações empíricas do jornalismo e pretende contribuir com as teorias contemporâneas que buscam entender “o que o jornalismo está se tornando” (DEUZE; WITSCHGE, 2016). A hipótese apresentada na introdução de que existe a possibilidade de um diálogo tenso entre as duas concepções – metodológica e analiticamente falando – mostra-se factível quando cotejada com estudos atentos às dimensões de objetivação e subjetivação. Como é impossível esgotar um debate teórico com certo nível de complexidade nos limites de um artigo, a pretensão aqui se limita a sugerir esse novo modo de articular duas tradições teóricas distintas, com vistas a alimentar a pesquisa empírica sobre fenômenos jornalísticos.

Referências

- ACCARDO, A. **Journalistes précaires, journalistes au quotidien**. Marseille: Agone, 2007.
- _____. **Pour une socioanalyse des pratiques journalistiques**. Marseille: Agone, 2017.
- ATTON, C.; HAMILTON, J. F. **Alternative Journalism**. Londres: SAGE Publications Ltd., 2008.
- BECKER, H. S. Conferência: a Escola de Chicago. **MANA: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- _____. **Art Worlds**. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 2008.
- _____. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009a.
- _____. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009b.
- BECKER, H. S.; PESSIN, A. A Dialogue on the Ideas of “World” and “Field” with Alain Pessin. **Sociological Forum**, n. 21, p. 275-286, 2006.
- BENSON, R. News Media as a “Journalistic Field”: What Bourdieu Adds to New Institutionalism, and Vice Versa, **Political Communication**, 23:2, 187-202, 2006. DOI: 10.1080/10584600600629802.
- _____; NEVEU, E. (Orgs.). **Bourdieu and the Journalistic Field**. Cambridge: Polity Press, 2005.
- BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOTTERO, W.; CROSSLEY, N. Worlds, Fields and Networks: Becker, Bourdieu and the Structures of Social Relations. **Cultural Sociology**, v. 5, n. 1, p. 99-119, 2011.
- BOURDIEU, P. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- _____. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997a.
- _____. The Forms of Capital. In: HALSEY, A. H. et al. (Eds.). **Education, Culture, Economy, Society**. Oxford: Oxford University Press, 1997b. p. 241-258.
- _____. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Contrafogos 2**: por um movimento social europeu. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a.
- _____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.
- _____. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Edições 70, 2005a.
- _____. The Political Field, the Social Science Field, and the Journalistic Field. In: BENSON, R.; NEVEU, E. (Orgs.). **Bourdieu and the Journalistic Field**. Cambridge: Polity Press, 2005b.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

_____. **A distinção**: por uma crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **O poder simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.

_____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2013. p. 39-72. .

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2015.

_____. **Questões de Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

_____. **Sociologia geral vol. 2: habitus e campo**. Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Vozes, 2021.

_____. **Sociologia geral vol. 3: as formas do capital**. Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Vozes, 2023.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CHALABY, J. K. **The Invention of Journalism**. Lon-dres: Macmillan Press, 1998.

CHAMPAGNE, P. A visão mediática. In: BOURDIEU, P. (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 63-79.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. As etapas da evolução na comunicação humana. In: DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 17-60

DEUZE, M.; VAN'T HOF, E. "If We Don't Take the Risk, Who Else Would?": Self-perceptions of Foundations that Financially Support Journalism. **Journalism Practice**, DOI: 10.1080/17512786.2023.2238197, 2023.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando?. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 7-21, jul.-dez. 2016.

DICKINSON, R. Studying the Sociology of Journalists: the Journalistic Field and the News World. **Sociology Compass**, v. 2, n. 5, p. 1383-1399, 2008.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENGLISH, P. Mapping the Sports Journalism Field: Bourdieu and Broadsheet Newsrooms. **Journalism**, v. 17, n. 8, p. 1001-1017, 2016.

GILMORE, S. Art Worlds: Developing the Interactionist Approach to Social Organization. In: BECKER, H. S.; MCCALL, M. (Eds.). **Symbolic Interaction and Cultural Studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. p. 148-178.

GRENFELL, M. (Org.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOVDEN, J. F. The Same Everywhere? Exploring Structural Homologies of National Social Fields Using the Case of Journalism. **The British Journal of Sociology**, v. 74, p. 690-710, maio 2023.

JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 127-174

LANGONNÉ, J. et al. The Social Worlds of Journalism. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, on-line, v. 8, n. 1, p. 6-11, 15 jun. 2019.

LAGO, C. **O romantismo morreu? Viva o romantismo!**: Ethos romântico no jornalismo. 2003. 227 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicações de Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. Pierre Bourdieu e algumas lições para o Campo da Comunicação. *Intexto*, Porto Alegre, n. 34, p. 728-744, 2015.

LAHIRE, B. Reprodução ou prolongamentos críticos?. **Educação e Sociedade: Dossiê “Ensaio sobre Pierre Bourdieu”**, ano XXIII, n. 78, p. 37-55, abr. 2002.

_____. Campo. In: CATANI, A. M. et al. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 64-66

LIMA, P. M. A perspectiva teórico-metodológica de Mundo Social como aporte para pensar a trajetória profissional dos jornalistas de dados. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17., Goiânia. **Anais...** Goiânia: SBPJor, 2019.

_____. **O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil**: carreira profissional e construção de identidade. 2021. 426 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

LIMA, R. C. P. Sociologia do desvio e interacionismo. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 185-201, maio 2011.

LIMA, S. P. (Org.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

LINDBLOM, T.; LINDELL, J.; GIDLUND, K. Digitalizing the Journalistic Field: Journalists’ Views on Changes in Journalistic Autonomy, Capital and *Habitus*. **Digital Journalism**, 2022. DOI: 10.1080/21670811.2022.2062406.

LOPES, M. I. V. L. **Pesquisa em comunicação**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARCHETTI, D.; SERRA, P. Os subcampos especializados do jornalismo. **Plural**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 240-269, 2020.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular: 2008.

MICK, J. Trabalho jornalístico e mundialização: problemas teórico-metodológicos. *Sur le Journalisme*, v. 6, n. 2, p. 68-81, dez. 2017.

MICK, J.; ESTAYNO, S. Jornalistas na crise: as carreiras interrompidas na mídia e a estrutura dual da profissão (2012-2017). In: PEREIRA, F. H. et al. (Orgs.). **Novos olhares sobre o trabalho no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 21-38

MICK, J.; KAMRADT, J. **O fim da notícia**: a monopolização da mídia e o trabalho dos jornalistas – o jornal *A Notícia* (SC) sob o comando da RBS. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2017.

NEVEU, É. **Sociologie du Journalisme**. Paris: La Decouverte, 2001. (Collection Repères.)

PEDRO NETO, L. **Construção do ethos de resistência jornalística na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira**: estudo dos depoimentos do projeto Resistir é Preciso. 2020. 254 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

PEREIRA, F. H. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

_____. **As diferentes maneiras de ser jornalista**: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro. Brasília: Editora UnB, 2020.

_____. As notícias como prática coletiva e convencional: a abordagem beckeriana aplicada aos estudos do jornalismo. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p. 389-419, 29 jun. 2018.

_____. “Old Journalists” in a “New Media” Environment? A Study on the Career Choices of Digital Journalists. **The Journal of International Communication**, v. 26, p. 36-58, 2020.

PETRARCA, F. R. **O jornalismo como profissão**: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. 308 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PONTES, F. S.; SILVA, M. P.; SOUZA, R. B. F. [Introdução] Jornalismo e conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico: um manifesto à totalidade concreta. **Revista Líbero**, ano 24, n. 4, p. 11-26, set.-dez. 2021.

ROSENBERG, L. Ritos de pasaje en la carrera de periodistas jóvenes. *Sur le journalisme*, **About journalism, Sobre jornalismo**, on-line, v. 8, n. 1, p. 24-39, 15 jun. 2019.

ROSSO, A. L. D. R. **O capital simbólico do campo jornalístico**: disputas e códigos compartilhados entre jornalistas de mídia e assessores da ALESC. 2017. 304 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SCHMITZ, A. A. **Os graus de autonomia do jornalista brasileiro**: lacunas entre ideais, percepções e práticas profissionais efetivas nos jornais Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Zero Hora. 2018. 228 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SIAPER, E.; SPYRIDOU, L. P. The Field of Online Journalism. In: SIAPER, E.; SPYRIDOU, L. P. (Eds.). **The Handbook of Global Online Journalism**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2012. p. 77-97

SILVA, G. Sobre a imaterialidade do objeto do Jornalismo. **E-compós**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 1-14, maio-ago. 2009.

_____. De que campo do jornalismo estamos falando?. **MATRIZES**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 197-212, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v3i1p197-212.

SILVA, M. A. **O percurso do amator para integrar o “mundo do telejornalista”**: uma análise dos vídeos colaborativos que participam da *notícia* televisiva. 2017. 403 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SMYRNAIOS, N.; CHAUVET, S.; MARTY, E. Journalistic Collaboration as a Response to Online Disinformation. *Sur le journalisme*, **About journalism, Sobre jornalismo**, on-line, v. 8, n. 1, p. 68-81, 15 jun. 2019.

STEFONI, A. Politización y publicización en el mundo de los periodistas políticos de Buenos Aires. *Sur le journalisme*, **About journalism, Sobre jornalismo**, on-line, v. 8, n. 1, p. 82-97, 15 jun. 2019.

STRAUSS, A. L. **Miroirs et masques**: une introduction à l'interactionnisme. Paris: Métailié, 1992.

TANDOC JR.; EDSON, C. Journalism at the Periphery. **Media and Communication**, [S.l.], v. 7, n. 4, p. 138-143, dez. 2019.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1992.

VALLE, I. R. **A obra do sociólogo Pierre Bourdieu**: uma irradiação incontestável. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 117-134. jan.-abr. 2007.

WACQUANT, L. Esclarecer o *habitus*. **Educação & Linguagem**, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul.-dez. 2007.

WILLIG, I. Newsroom Ethnography in a Field Perspective. **Journalism**, v. 14, n. 3, p. 372-387, 2013.

ZELIZER, B. Going Beyond Disciplinary Boundaries in the Future of Journalism Research. In: LÖFFELHOLZ, M.; WEAVER, D. (Eds.). **Global Journalism Research**: Theories, Methods, Findings, Future. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2009. p. 253-266.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho do estudo

Jacques Mick e Leopoldo Pedro Neto

Aquisição, análise ou interpretação dos dados

Leopoldo Pedro Neto e Jacques Mick

Redação do manuscrito

Leopoldo Pedro Neto e Jacques Mick

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Jacques Mick e Leopoldo Pedro Neto

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado parcial da tese de doutorado *Um olhar comunicacional sobre as contradições da práxis jornalística no mundo do trabalho*, em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC).

Fontes de financiamento

Estudo realizado com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 422609/2021-8 e 316093/2021-1, e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), Termo de Outorga 2023TR000392.

Considerações éticas

Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Agradecemos pelas contribuições críticas dos(as) pareceristas, fundamentais para o refinamento da perspectiva teórico-analítica do manuscrito.